

**O Pai pronunciou uma Palavra: seu Filho.
E no silêncio deve ser
escutado pela alma.**

São João da Cruz

União

Sumário

Carta da Presidente

A prenda mais bonita é dar felicidade aos outros de M. Maghini **3**

Um pensamento para viver

O comentário do diretor
FELIZ NATAL, a cada um o seu de C. Apolito **4**

No princípio a Palavra *Façam aquilo que vos dirá*

Tu também és luz de Natal quando iluminas... Papa Francisco **5**
Dom Bosco "Santo" de A. Martinelli **6**

A voz do Papa

Greta e Francesco Salvamos a terra de A.M. Musso Freni **8**

Santos em caminho

Os santos e as visões de Natal da Redação **10**

Caminhamos juntos *No Carisma dos Fundadores*

Amor preferencial pelos jovens da G. Patiño **13**

"Ela fez tudo"

Prascondù Santuário em val Soana de L. Pollino **15**

Conto de Natal **18**

A associação é Vida *Testemunhas de uma identidade*

Da Argentina **Viajar ao fim do mundo** as Ex-Alunas/os da Federação da Argentina **20**

De Giaveno (Turim, Itália) **Nos passos da Auxiliadora há mais de oitenta anos** de A. Zolfini **21**

De Jerago (Varese, Itália) **Reencontrar-se entre Ex-Alunas faz bem ao coração!** de G. Martinelli **23**

De Cesuna (Vicenza, Itália) **Fios, fiados, tecidos e rendas** de G. Gambarin **25**

De Novara (Itália) **Ex-Alunas reunidas** **26**

Da Fed. Piemontesa (Itália) **Maria Auxiliadora Saudação à irmã Maddalena** das/os Ex-Alunas/os **27**

De Cavagnolo (Turim, Itália) **Jornada social com grande participação das Ex-Alunas** **28**

As mãos no mundo *Empenho sem fronteiras*

Eles sabem de A. Ciquera **29**

De Giaveno a Bombay para reencontrar um milagre de A. Zolfini **30**

Ler é uma aventura

Quis contra nos de L. Trapassi **32**

Família torna-te naquilo que és *Explorar o mundo das relações*

Famílias de acolhimento acolher e de R. Messina **33**

Terceiro Milénio *O presente que já é futuro*

Créditos Finais

As mulheres que mudaram a história de C. Mariani **34**

Editor:

Confederação Mundial
Ex-alunas/os das F.M.A.

Redação:

Director responsável

Concetta Apolito Zecchino

Vice-director

Anna Maria Musso Freni

Gruppo redazionale

A. M. Musso Freni

Cristiana Mariani Casiraghi

Gabriela Patiño

Gianni Radaelli

Laura Pollino Ravarino

Lorenzo Trapassi

Colaboraram neste número:

Antonio Martinelli SDB

Anita Zolfini

Raffaella Messina

Serviço gráfica

Cristiana Mariani Casiraghi

Secretaria, administração e envio

Marta Bovesse Ferrari

Giuliana Ceccarelli Mossini

Elena Mattiacci Fioravanti

Traduções:

Ana Margarida Pires: português

Tipolitografia:

Istituto Salesiano Pio XI

Via Umbertide, 11 - 00181 Roma

e-mail: tipolito@donbosco.it

■ o n.º 9-10 2019, foi entregue aos correios
14 outubro 2019

■ Este número foi imprimido
no mês de novembro de 2019

união . N.º 11-12 . Novembro-dezembro 2019 . ano 99.º

Regist. del Trib. di Roma n. 552/97 del 10.10.1997 - nuova serie - Iscriz. R.N.S. ID 750

Direção e Redação:

Via Gregorio VII, 133/B int. 4 - 00165 Roma

tel. 06.635692 - fax 06.39375131

e-mail: unione@exalliefma.org

ccp. 64962004 intestato a:

Confederazione Mondiale Exallieve/i delle FMA

Via Gregorio VII, 133/B int. 4 - 00165 Roma

sito: www.exalliefma.org



Associato
Unione Stampa
Periodica Italiana

Publicação enviada gratuitamente aos associados

Carta da Presidente



A prenda mais bonita é dar felicidade aos outros

“Jesus, eu também sou uma criança. Vejo que todos pensam no Natal como uma festa de prendas. As lojas estão cheias de pessoas que compram árvores, decorações, presépios, doces e muitas outras coisas.

Sou uma criança pobre, sabes Jesus.

Eu também posso pedir uma prenda de Natal?

Sonho um mundo diferente onde todas as crianças tenham o direito de nascer, de viver. Há muitas pessoas que já não têm família. Vão para a estrada, abandonadas, indefesas, sem casa. Como podem viver assim? Penso, Jesus, que para mudar o mundo é preciso vencer o egoísmo e abrir o próprio coração aos outros.

Porque é que os homens estão tão divididos e fechados em si próprios que não se preocupam com os outros? Não é verdade que Deus é o Pai de todos nós? Eu acredito, Jesus, que somos irmãos e irmãs. Mas vejo à minha volta muitos adultos que não se preocupam com os outros, não sabem ver as lágrimas e os sofrimentos de nós crianças.

Tu vieste a este mundo, Jesus, para ajudar-nos a ultrapassar o ódio e a violência, para ensinar-nos a amar. Nós, crianças de rua, se não encontramos amor na nossa vida, como seremos capazes de acreditar no amor?

Jesus, neste Natal, ajuda-nos, numerosos rapazes e raparigas, a ter esperança. Precisamos de muitas coisas. Onde encontraremos uma casa limpa para viver com a nossa família? Falta o trabalho para ter um ordenado. Somos obrigados a pedir esmola para não ter fome, estamos sem saúde, sempre com medo de ser usados pelos outros. Seria tão bom poder estudar para aprender uma profissão! Mas ninguém nos ajuda.

Jesus, como será este Natal? Faz com que todos sejam capazes de descobrir que em cada coração humano há uma grande capacidade de amar. Tu fizeste o nosso coração à imagem do de Deus, para amar e ser amado.

Jesus, ajuda as crianças de rua.

Uma criança”

E tu, Ex-Aluna/o, o que é que vais fazer pela vida destes milhões de crianças? O que é que fará a nossa Associação? A sua vida depende de ti, de todos nós. O seu sofrimento é fruto da nossa injustiça, do nosso consumismo. Não somos capazes de partilhar. Temos de aprender a perceber o olhar, as lágrimas, o sorriso das crianças abandonadas. As nossas nações, carregadas de armas e de violência, precisam de aprender o caminho do diálogo pela paz, o perdão, o respeito à liberdade e à dignidade de cada pessoa.

Que este Natal nos aproxime mais a Nossa Senhora e ao Senhor Jesus e nos empenhe à construção de uma sociedade mais humana e fraternal. Todas as crianças de rua reencontrarão a esperança de viver consoante nós seremos capazes de vencer o egoísmo e de aprender a verdadeira solidariedade cristã. “Há mais alegria no dar do que no receber” (Atos 20, 35). Feliz é quem dá.

FELIZ NATAL!

Maria Maghini

(extrato da NP 2007/10 Don Luciano Mendes)



Um pensamento para viver



FELIZ NATAL, a cada um o seu

Roubo a ideia para as felicitações de natal deste ano do Mons. Tonino Bello que numa carta à sua diocese escreveu: “O erro está aqui: na pretensão de querer encontrar fórmulas base, boas para todos. Pelo contrário no Natal não podemos desejar felicitações genéricas”.

Claro é fácil usar os bilhetes pré-imprimidos com escrito em dourado FELIZ NATAL e PRÓSpero ANO NOVO. É fácil enviar e-mails a todos os amigos: cada site oferece cartões de Natal e nem é preciso digitar a morada, basta um click e partem as mensagens para todos os amigos inseridos na rubrica. Ao contrário, no Natal não se deviam fazer felicitações genéricas.

É diferente desejar um Feliz Natal para ti que te misturas na multidão do centro comercial, à pressa e irritado se calhar, porque tens de encontrar uma prenda para todos e não sabes o que escolher, e há gente a mais, e as filas para pagar parecem infinitas, e já nem te lembras porque é que no Natal se oferecem prendas. Do que dizer Feliz Natal para ti que vens da Ucrânia e és uma assistente domiciliar para uma simpática idosa, mas deixaste o coração lá, na tua terra, onde os teus filhos nem conseguem imaginar a imensidão de um supermercado ocidental.

Dizer Feliz Natal para ti que ouves a Rádio Maria todos as noites, porque as dores da idade não te deixam em paz, e imaginas um Menino Jesus rechonchudo e cor-de-rosa como nas antigas imagens, porque não consegues mesmo imaginá-lo como os pequenos mendigos marroquinos, e rezas-Lhe à sua Mãe com infinitos terços, é muito diferente do que dizer Feliz Natal para ti que és missionário e vês todos os dias crianças a morrer de fome como se fossem Jesus, e para ti Cristo é o anúncio de uma justiça que os homens ainda não souberam realizar.

Feliz Natal para ti que chegas a trabalhar 20 horas por dia porque é o que te pede a carreira e para ti o Natal é um aborrecido almoço com os velhos da família, e estás já a programar a diversão da Passagem de Ano com os amigos na montanha ou numa fria capital europeia que a agência de viagens ofereceu, e enches a vida de en-

contros e de coisas para fazer para não teres de te questionar sobre: “Que sentido é que tem?”. É diferente dizer Feliz Natal para ti jovem voluntário nas ambulâncias, que roubas as horas ao descanso e ao divertimento porque percebeste que a alegria está no tornar-se próximo. Ou a ti catequista dos jovens da iniciação a quem dedicas as tuas energias, amor, orações e todo o entusiasmo que consegues manter vivo para além das dificuldades de serem muitas vezes ouvidas. Ou a ti reformado “ainda capaz” que tomas conta da Igreja como se fosse a tua casa e também te preocupas este ano que o presépio traga maravilha e saudade.

Dizer Feliz Natal para ti, doente sem esperança, que procuras nos olhares de quem te está ao lado as respostas aos teus porquês e encontras a coragem de enfrentar este último ato da tua vida simplesmente pensando naquele Homem que enfrentou outro Calvário, é diferente do que dizer Feliz Natal para ti recém-nascido suave e doce, promessas do futuro para um mundo que acha que já não tem.

No entanto, Feliz Natal a todos, porque aquele Menino que nasceu numa gruta não está à espera de um nosso reconhecimento oficial: ama-nos e ponto final!

Concetta Apolito



No princípio a Palavra *Façam aquilo que vos dirá*

Tu também és luz de Natal quando iluminas com a tua vida o caminho dos outros com a bondade, a paciência, a alegria e a generosidade. O anjo de Natal és tu quando cantas ao mundo uma mensagem de paz, de justiça e de amor...

Papa Francisco



DOM BOSCO “SANTO”

Santo como educador, educador formador de santo



de Antonio Martinelli *

INTRODUÇÃO

Dom Bosco é conhecido e reconhecido, na Igreja e na sociedade no mundo, como pai mestre e amigo dos jovens: o SANTO DOS JOVENS, precisamente.

É característica da sua experiência humana e cristã, a síntese pessoal e operativa, entre santidade e educação, oferecendo à Igreja os primeiros santos jovens não mártires e não religiosos, Domingos Sávio e Laura Vicuña.

Os Salesianos, celebrando os 100 anos da morte de Dom Bosco em 1988, formularam e apresentaram, por iniciativa do Reitor Mor Dom Egídio Viganò, um pedido desejado pelo Papa da altura, São João Paulo II: dar a Dom Bosco o título – seria considerado pela primeira vez e como novidade absoluta – de “**doutor em educação**”.

A decisão pareceu fora do normal e da tradição, e a instância não se voltou a repetir. No entanto, são duas coisas diferentes: ter um título reconhecido oficialmente e possuir concretamente o conteúdo do título. Dom Bosco certamente tem a substância do “doutor em educação”.

Quis pesquisar na internet temáticas que são oferecidas pelo instrumento digital clicando nas duas palavras juntas “educação e santidade”. Para minha surpresa encontrei, e não só no campo salesiano, mas também para além dos nossos ambientes, referências significativas e de interesse, para os que têm vontade de continuar a pesquisa.

Tentem vocês também seguir as muitas indicações e ficaram surpreendidos como eu fiquei.

EDUCAÇÃO – EVANGELIZAÇÃO

As perguntas que nascem ao aproximar as duas palavras são muitas.

Primeiro vou exprimir algumas certezas que guiam

a vida no mundo, debaixo de qualquer céu. Depois vou refletir nas dúvidas que vamos enfrentar.

Antes de mais nada as nossas convicções:

Cada civilização encontra as suas raízes na cultura que se solidificou no tempo, recolhendo todas as experiências e os estímulos que nasceram da experiência, concreta ou reflexiva, dos jovens e dos adultos. Por outras palavras cada civilização é filha da cultura.

Não podemos esquecer ou ignorar o facto que a cultura é nutrida, apoiada e reformulada por aquele frágil instrumento (frágil mas indispensável instrumento) à qual chamamos educação. Quando entra em crise a educação entram diretamente em crise os calores de uma cultura e de uma civilização.

Tudo isto mostra, se for necessário evidenciá-lo, a determinante importância, na vida da pessoa e dos povos, dos processos educativos. É mesmo aqui que colocamos a figura de Dom Bosco que, por vocação superior, dedicou a sua vida aos jovens e ao seu crescimento humano profissional e cristão.

Aqui surge o pedido de explicações na relação entre EVANGELIZAÇÃO – EDUCAÇÃO, porque na gíria é fácil usar o lema: *evangelizar educando e educar evangelizando*, encontrando depois maior dificuldade em mostrar a correlação das duas partes.

Como deve ser utilizada esta expressão? O que é que quer comunicar? Qual é a relação a estabelecer? Vem primeiro a evangelização e só depois a educação? Ou é exatamente o contrário, primeiro a educação e depois a evangelização?

Geralmente esta maneira de pensar considerada e preocupa-se pelos aspetos de valor apresentados pela Palavra de Deus que ultrapassam todas as palavras dos homens até os mais sábios.

Ou então toma em consideração os aspetos cronológicos no trabalho concreto e quotidiano: tratamos

da evangelização e também atingiremos o objetivo de pôr em ordem a educação. Por outro lado, outros defendem o contrário.

Após todos os possíveis raciocínios, temos que chegar à conclusão que as duas realidades (evangelizar e educar) têm **significados** (a evangelização diz e quer coisas que não estão na educação) e **perspectivas** (a evangelização é relativa à relação Deus – Homem, e a educação à relação Homem – Mundo) que nunca se poderão encontrar?

Não há dúvidas que temos que rever significados e perspectivas das duas palavras em questão, não só vista pelos olhos da tradição que durou até hoje, mas também confrontando-a com o caminho percorrido pelas ciências do homem e da melhor inteligência da Palavra de Deus através da reflexão do Concílio Vaticano II.

A verdadeira questão torna-se na seguinte: o que é que diz e traz o Evangelho do Senhor Jesus à educação? E o que é que diz e traz a educação ao Evangelho de Jesus de Nazaré?

UMA PISTA PARA MAIS UM CAMINHO

Desde sempre na reflexão humana (para indicar só alguns nomes conhecidos por todos como Sócrates, Platão, Aristóteles), a educação foi considerada o “florescer do humano”.

Recentes estudos, algo estimulante para todos aqueles que se referem a Dom Bosco como educador, indicam a educação “*como cura e como pleno florescer do ser humano*”.

Continuando com este pensamento, o Papa Francisco chega a concluir, com simplicidade e com decisão na exortação apostólica *Gaudete et exultate*, que a santidade é florescer do ser humano, e que mora na porta ao lado da minha.

A educação é indispensável para a plenitude de vida, para a pesquisa e obtenção da felicidade, da beatificação, da bela vida.

Os itinerários percorridos pela evangelização e pela educação podem ser diferentes, mas a meta é a mesma.

Monsenhor Domenico Pompili, Bispo de Rieti, tem uma passagem intermediária que explica mais imediatamente o objetivo partilhado pela evangelização e pela educação: o amor. Afirma e proclama: *o florescer do ser humano é a caridade*.

Voltando a Dom Bosco temos de afirmar que o sistema preventivo com as suas exigências de Razão, Religião, Amabilidade, e as suas metodologias de acompanhamento no crescimento harmónico do homem responde brilhantemente à exigência do encontro com a evangelização, para um diálogo mútuo e profícuo, vendo a santidade. Um diálogo que saiba tomar em consideração a renovação, de conteúdo e de perspectiva, das “*palavras-chave*” típicas da educação salesiana, para que não sejam mudas ou pior ainda contraproducentes hoje em dia.

São testemunhas Domingos Sávio e Laura Vicuña e muitos outros jovens no mesmo caminho de educação – santidade.

* SDB



**Primeiro vem a evangelização e só depois a educação?
Ou é exatamente o contrário?**

GRETA E FRANCISCO

Salvamos a Terra

de Anna Maria Musso Freni *



Conhecemo-la bem, a Greta Thunberg. Vimo-la sentada de peito inchado ao lado dos *grandes* da ONU, ouvimo-la falar com tons duros, acusatórios, aos potentes que dominam a cena política mundial. Esta jovem, candidata ao prémio Nobel, levou consigo os jovens de meio mundo no protesto para obter soluções políticas às catástrofes ecológicas que ameaçam a humanidade.

E mesmo se há alguém que malignamente pergunta quais interesses económicos rodam à volta das greves escolares da pequena sueca, e quem observa que, em vez de manifestar nas praças, os jovens deveriam empenhar-se mais seriamente no estudo e dedicar-se a atividades concretas, foi bonito ver os estudantes mobilizar-se por um problema que interessa o futuro do mundo. É importante lembrar que, para além de manifestar, nalgumas cidades os estudantes empenharam-se em limpar as ruas, as praças, os leitos dos rios.

O tom do seu protesto é duro e polémico; escolhe as suas ações baseando-se numa cultura pragmática, da necessidade de respostas rápidas e imediatas, da raiva absorvida através dos média. Diferente é a visão que o Papa Francisco tem do problema, magistralmente afrontado em *"Laudato si"* e lembrado nas recentes viagens africanas, nas audiências semanais, nas orações dominicais. Os tons do Papa não são agressivos ou polémicos e a sua perspetiva ecológica tem uma inspiração bíblica que se aproxima à mensagem da Génesis: *"No princípio Deus criou o Céu e a Terra"*. A terra, tão linda e luminosa, vista pelo espaço, assim dizem os astronautas, tão suja, degradada e agonizante, vista ao nível da terra, assim dizem os cientistas.

O cristão não pode deixar de ter uma visão ética da ecologia, baseada na relação com Deus, com o próximo e com a Terra. A rotura de uma destas relações cria o pecado, um pecado social que não po-



demos ignorar. A Criação é dom de Deus, gerado pelo seu amor, e o homem é chamado a cuidá-lo, não a dominá-lo, submetendo-o e transformando-o. Vítima de um imparável desejo de crescimento económico, com fome de poder, doente de individualismo, o homem esqueceu a relação franciscana com o cosmo, que considera irmão e irmã cada ser vivo.

Atrás da lógica de destruição do planeta está um grave erro antropológico, que não considera o bem comum como um dever e a casa comum como um dom. É a implacável lógica de quem não sabe dar uma resposta ao sentido da vida, ou que

nem se questiona sobre ela. A lógica que ignora o valor de cada ser vivo, que proclama a cultura do descartável, eliminando indiscriminadamente tudo aquilo que não serve ou que não produz crescimento económico.

As políticas surdas relativamente à diferença, à pobreza, à fragilidade, produziram a mudança do clima, às custas dos mais pobres do planeta, a poluição da água, dificultando o acesso à água potável nos países mais degradados, a poluição do ar, especialmente nas grandes cidades, com a difusão dos fumos tóxicos. Tudo isto, unido às políticas de deflorestação das grandes áreas verdes, aos incêndios mais ou menos *naturais* nas grandes florestas tropicais, provocou o desaparecimento das biodiversidades, com danos irreversíveis aos ecossistemas.

Onde e como são destruídos os perigosos restos da produção industrial, e, pior, os restos radioativos? É melhor dizê-lo *baixinho*, mas deveríamos gritá-lo: são enviados para as zonas mais deprimidas do globo, onde os pobres adoecem e morrem sem uma razão aparente.

A degradação da Terra, adverte Francisco, é a degradação do homem, que tem de redescobrir o sentido da própria identidade em Cristo. Nele reencontrar a correta relação com a natureza, Nele que admira os lírios dos campos e os passarinhos do céu, que sabem falar ao vento e acalmar as tempestades dos lagos. Que sabia carregar aos ombros a ovelha rebelde evitando bater-lhe.

Numa perspetiva de fé o cristão deve sentir na Criação a linguagem de amor de Deus, encontrar na natureza o lugar geográfico do diálogo com Ele. No



diálogo da oração, ultrapassar o individualismo, descobrindo novas formas de relação e participação, valorizando a riqueza cultural de todos os povos, modificando o próprio estilo de vida, substituindo a cultura do descartável com a da reutilização e da reciclagem.

Claro, é tarefa dos grandes da política e dos cientistas individualizar soluções capazes de parar a catástrofe ecológica, adotar formas de crescimento baseadas na justiça, na balança da distribuição dos bens da Terra, no diálogo mais profundo entre religiões e a ciência.

Confiante nas inatas capacidades do homem, o Papa está convencido que encontrarão as soluções. No entanto, lembra que esta também é uma tarefa de todos nós: da escola, da família, da catequese, das instituições, que devem educar a um comportamento diferente, baseado no respeito da pessoa, na tutela da vida em todas as suas formas, na atenção aos pobres e aos últimos.

O convite é endereçado também a nós, simples cidadãos, humildes pessoas únicas, para adquirir novos hábitos, aceitando algumas renúncias, deixando-nos transformar pelo encontro com Cristo, vivendo a relação com o ambiente, com a contemplação orante de São Francisco.

Contemplação onde é possível amar também na dor e na morte, na visão escatológica do fim dos tempos, onde seremos transformados pela beleza de Deus, princípio e fim, Alfa e Omega de todas as coisas.

* Ex-Aluna Fed. Piemontesa Maria Auxiliadora

Santos em caminho

OS SANTOS E AS VISÕES DE NATAL

da Redação

Alguns Santos tiveram o privilégio que, segundo o Evangelista São Lucas, foi concebido a Simeão: aquele de pegar nos braços o menino Jesus. Descobrimos assim que Bernardo de Chiaravalle, Francisco de Assis e António de Lisboa tiveram a visão do nascimento de Jesus. Em êxtase, Brígida da Suécia viu o parto sem dor da Virgem Maria. Entre a imensidão de místicas que viveram a mesma experiência de Edite Stein, convertida do judaísmo ao cristianismo e Maria Valtorta, que escreveu o Poema do homem-Deus.

Alguns Santos tiveram o privilégio que, segundo o Evangelista São Lucas, foi concebido a Simeão: aquele de pegar nos braços o menino Jesus. Descobrimos assim que Bernardo de Chiaravalle, Francisco de Assis e António de Lisboa tiveram a visão do nascimento de Jesus. Em êxtase, Brígida da Suécia viu o parto sem dor da Virgem Maria. Entre a imensidão de místicas que viveram a mesma experiência de Edite Stein, convertida do judaísmo ao cristianismo e Maria Valtorta, que escreveu o Poema do homem-Deus.

São Francisco foi um dos poucos que sentiu o fascínio da divina infância; e realizou, em Greccio, o Presépio. É conhecimento comum que, foi o santo ‘pobrezinho’ que teve a intuição de recriar as condições que acompanham o nascimento de Jesus. Tinha a profunda convicção da possibilidade de encontrar Deus na história dos homens. Daqui a origem do presépio, sinal de consolação e de paz, de peregrinação até ao Menino Jesus.

São Francisco deixou escrito no escritório da Paixão os motivos da representação do Presépio: «Porque o santíssimo querido menino foi-nos dado, e nasceu para nós pelo caminho, e foi colocado numa manjedoura, porque ele não tinha espaço no hotel. Glória ao Senhor Deus no alto dos céus, e paz na terra aos homens de boa vontade».

Seguindo o seu exemplo, a poesia franciscana dominou sobre este tenro, devoto tema e elevou-o com **Jacopone** às sublimes alturas.

Do Querido Menino também fala **Santo Alfonso de Liguori**. Sobre os montes por cima do golfo de Amalfi ele viu a miséria dos pastores e dos agricultores a quem não chegava a instrução religiosa. Então compôs **Tu scendi dalle stelle**, um canto de natal que rapidamente recebeu devoção popular.

No final da sua jovem vida **santa Teresa do Menino**

Jesus percebe que o caminho de Deus é o caminho de amor, o caminho que leva Jesus a descer até aos homens. Então Teresa escolhe a infância espiritual para a qual quer ficar uma menina entregando-se totalmente ao amor de Jesus. Escreve: «Sou uma menina incapaz, fraca, mas a minha própria fraqueza dá-me a audácia de oferecer-me como vítima ao teu amor, Jesus».



Lourenço Mónaco Natividade

Não estava nada privada da instrução a irmã de Teresa, **santa Teresa a Abençoada da Cruz**. Ela por sua vez escrevia: «Pomos as nossas mãos nas mãos do Menino divino, pronunciando o nosso sim em resposta ao seu “segue-me”, e então seremos uma sua coisa e a sua vida divina pode transbordar livremente entre nós. Aqui está o início da vida eterna em nós». Os Santos olharam para o Menino Celeste com um espírito onde, à imensa ternura, unia-se um mais vivo sentimento de adoração, de gratidão e de indignidade. Muitas vezes os anjos estavam presentes nestas visões natalícias como músicos. A Terciária franciscana **Prudenciana Zagnoni** (1583-1608) mística e vidente bolonhesa, conheceu, nos últimos anos da sua breve existência, uma experiência mística tão espetacular que impressionou a sua família e os seus confessores, mas também os doutores chamados para a curar. Estes últimos verificaram a realidade dos seus estigmas e da coroa de espinhos sangrentos que, durante o êxtase, apareceram logo à volta da sua cabeça. Nos meses anteriores à sua morte, as aparições angélicas tiveram numerosas testemunhas. **No dia de Natal de 1607**, a Virgem Maria apareceu a Prudenciana e depôs-lhe nos braços o Menino Jesus, enquanto os anjos cantavam melodiosamente o Glória in Excelsis. Todos os familiares e vizinhos presentes na casa ouviram aquele canto celeste e foram ao cabeçal da rapariga, onde viram brilhar uma luz: “da sua pessoa exalava um perfume dos mais suaves”.

Na manhã de Natal de 1932, alguns meses antes da sua morte, a pequena **Anfrosina Berardi** (1920-1933) teve a visão de um coro de espíritos celestes que cantavam os louvores de Deus acompanhando-se com todos os tipos de instrumentos musicais: Tomada por um entusiasmo estático, ela virou-se para a sua mãe e gritou: “Oh mãe, porque é que não me dás uma tromba, um mandolim, um instrumento qualquer, para que eu possa unir-me aos anjos para celebrar o Senhor com eles!”. Lembrando-lhe sua mãe que eles eram demasiados pobres para comprar tais objetos, ela reflete um momento, olhando e ouvindo sempre, depois, apesar da sua extrema fraqueza, cantou com uma voz de extraordinária pureza: “Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens por ele amados!”



Natividade de Ghirlandaio

A beatificada **Ana Catarina Emmerich** (1774-1824) freira alemã, beatificada por São João Paulo II em 2004, assim começa a descrição daquilo que viu relativamente aos instantes que antecederam o nascimento de Jesus Cristo: “Vi a luz, que iluminava a Virgem, tornar-se cada vez mais radiosa, fazendo com que as luzes acendidas por José não se notassem”. Também para Maria, a cheia de graça, o que estava a acontecer era algo impressionante, ao ponto que – continua Emmerich “à meia-noite Maria estava em êxtase, flutuava no ar a alguma distância do chão. Tinha as mãos cruzadas no peito. O esplendor, que a iluminava, tornava-se cada vez mais brilhante. Toda a natureza parecia permeada de júbilo, incluídas as coisas inanimadas. A corda parecia animar-se ao toque da luz, que a invadia. Um raio de luz, que brilhava cada vez mais, irradiava da Virgem e subia até ao mais alto dos Céus. Lá em cima feria uma maravilhosa animação de glória paradisíaca, que se aproximava à terra”.

Mais brevemente, **Santa Faustina Kowalska** no seu

Santos em caminho

Diário escreve sobre a “Cabana de Belém inundada de tanta luz”.

“Enquanto estava em oração, eu – é **Santa Brígida da Suécia** (séc. XIV) que escreve – vi o Menino mexer-se no seu ventre, e ao mesmo tempo, não, exatamente no mesmo instante, o seu Filho nasceu e dele provinha um indescritível clarão, que o sol não podia igualar. (...) Este nascimento foi de tal maneira rápido e instantâneo que eu não pude observar e identificar como e de qual parte do corpo da Virgem o Menino nasceu. No entanto vi logo o Menino nu e resplendente, que descansava no chão. O seu corpo estava limpo e sem qualquer impuridade”.

Ao mesmo tempo a santa ouviu “um suave canto an-gélico muito bonito. Então o Menino começou a chorar e tremer pelo frio e pelo desconforto do chão onde estava deitado, virou-se lentamente, esticou os braços e procurou a proteção da Mãe...”.

Que mais pode dizer para comunicar o insondável mistério de amor que se manifesta na divindade e humanidade do pequeno Jesus diante da Mãe?

Madre Zauli descreve assim as suas visões: “Vi uma

triste, pobríssima casa, a cena do Natal. A Nossa Senhora, no seu aspeto jovial e amável, despunha as suas pequenas coisas com a habitual simplicidade. Depois vi-a afastar-se e entrar num êxtase de amor, e assim, num esplendor de luz, apareceu no tempo o seu Filho Divino.

Percebi o primeiro instante do Verbo Incarnado, que foi uma palpitação de suavíssimo e inefável amor pelo Divino Pai, o qual nele, pequeno menino, depositou toda a sua complacência paterna.

Nossa Senhora pegou Jesus ao colo e com profunda humildade, com intensa caridade adorou-o e depois entregou-o a São José, e ele também, profundamente compreendido, aniquilado diante de tanta gradeza, adorou-o; e juntos, a Nossa Senhora e São José, apresentaram-no ao Pai Divino.”

(Retiro espiritual, 1946 pag. 7).

Fontes: <http://www.miliziadisannichelearcangelo.org>;

Elio Guerriero sábado 23 de Dezembro de 2017 - www.avenire.it;

Roberto Lanzilli – *Il Timone* N. 28 – ANNO V –

Novembro/Dezembro 2003 – pag. 42

www.lamadredellachiesa.it

Georges de la Tour Adoração dos pastores



Caminhamos juntos

No Carisma dos Fundadores



Amor preferencial pelos jovens

da Irmã Gabriela Patiño, FMA *

*A espiritualidade de que adere à Associação exprime-se no tomar conta dos jovens e no **amor preferencial** a eles (Estatuto 4.3c).*



Todos os jovens merecem confiança, diz Madre Yvonne, até aqueles que aos nossos olhos parecem distantes, indiferentes, relutantes a qualquer tipo de proposta. Dom Bosco lembra-nos que no coração de cada jovem há sempre uma corda que o faz vibrar, um ponto acessível ao bem.

Isto também é válido hoje. Papa Francisco sublinha que muitos jovens, mesmo pertencendo à geração “selfie”, ou a uma cultura que mais do que fluida parece ser “com gás”, procuram o pleno sentido da sua vida, mesmo quando não o procuram em sítios onde o podem encontrar.

É, de facto, no meio dos jovens e das jovens que as Ex-Alunas e os Ex-Alunos FMA devem exprimir um comportamento insubstituível: ficar acordadas para despertar os jovens. “A associação das Ex-Alunas e dos Ex-Alunos das Filhas de Maria Auxiliadora – afirma Dom Pascual Chávez – é uma parte vital do movimento para a

salvação dos jovens, como parte de um maravilhoso mosaico, sem a qual faltaria algo indispensável, segundo o plano de Deus, que chamou cada grupo a fazer parte da Família Salesiana”.

Portanto, as Ex-Alunas e os Ex-Alunos das FMA, como todos os membros da Família Salesiana são chamados a amar os jovens: a tomar conta deles e aproximar-se deles para envolvê-los e acompanhá-los no seu caminho de maturação, no seu percurso vocacional. Até para aprender com eles, e com eles sonhar juntos um mundo mais humano.

O acompanhamento, tão importante e necessário no crescimento humano, é de facto finalizado a envolver os jovens da missão, não como “executores” do que já foi decidido e programado, mas como “protagonistas” ativos e insubstituíveis. Isto significa estar dispostos a ouvir as suas ideias, confiar-lhes responsabilidades e compromissos e, por fim, verificar com eles os resultados.

Caminhamos juntos

O estatuto, na apresentação do objetivo da Associação, afirma que ela “empenha-se na promoção da educação dos jovens... e favorece um protagonismo construtivo juvenil através da promoção de iniciativas e atividades a favor dos jovens, em especial daqueles que vivem em situações difíceis”.

O acima indicado significa que as jovens e os jovens são um espaço *indispensável* na missão de cada Ex-Aluna e Ex-Aluno FMA. Eles são um *campo sagrado*: Deus espera ser reconhecido em cada jovem cheio de esperança e de nobres intenções, na sua fragilidade e na sua pobreza, na própria *corda sensível ao bem*.

Os jovens precisam de ti, de nós, da nossa família.

Qual é o teu comportamento em relação aos jovens?

Que espaço lhes dás nas mil atividades que fazes?

O que pode fazer por eles e com eles, a tua União, a tua Federação?

** Delegada Confederal*

Com o Papa Francisco pedimos à Virgem pelos nossos jovens:

**Ó Maria,
Nossa Senhora do novo Advento,
que guardaste todas estas coisas
meditando-as no teu coração (cf. Lc 2, 19),
ensina aos jovens
a ser bons ouvintes do teu Filho,
que é Palavra de Vida.
Reza por eles,
para que não se apresentem obstáculos
no caminho da sua descoberta
desta nova Vida
que o teu Filho trouxe ao mundo.
Virgem, Filha de Sião,
guia cada passo do nosso caminho
na estrada que leva à Vida!
Ámem.**



“Ela fez tudo”

PRASCONDÙ SANTUÁRIO EM VAL SOANA

de Laura Pollino *

Grandes festejos e celebrações para os 400 anos da aparição de Nossa Senhora neste canto do mundo perdido entre as montanhas de Val Soana.

O monumento mais significativo de Ribordone, ao qual podemos chegar através da sugestiva estrada que passa por Sparone, é o Santuário de Prascondù, edificado em 1620, cujas origens estão ligada a um acontecimento milagroso. A igreja guarda uma estátua de madeira feita no século XVII da Nossa Senhora de Loreto, protetora do Santuário de Prascondù.

Situada a 1321 metros de altitude, na câmara municipal de Ribordone, na província de Turim. É um dos lugares de culto mais conhecido do Canavese e é a meta tradicional de devotos e visitantes, especialmente durante a festa que decorre todos os anos dia 27 de Agosto.

A igreja representa a mais importante expressão da arquitetura religiosa, presente no território do Parque Nacional do Grande Paraíso... Reza a lenda que a construção do santuário é devido ao facto que dia 27 de Agosto de 1619, Giovanino Berardi, um jovem de Ribordone, que no ano anterior tinha perdido a fala, teve uma visão da Nossa Senhora. A principal celebração que se festeja no santuário é a dedicada a este facto miraculoso. A espiritualidade de quem adere à Associação não origina numa lenda, mas de uma realidade documentada e historicamente confirmada e certificada com atos do notário. Sem dúvida, tratou-se de um facto fora do comum, impossível de explicar totalmente com dados científicos, mas documentado pelas muitas testemunhas escritas acompanhadas por uma grande devoção popular a Maria Santíssima.



Temos de colocar “O ACONTECIMENTO” numa época de grande dificuldade de sobrevivência para as pessoas de Ribordone. Para os homens, uma longa emigração itinerante começava na época dos Santos e acabava na Páscoa. Geralmente eram acompanhados por um filho adolescente e viajavam em grupo pela Itália e pela Europa como “stagnin” isto é latoeiros e caldeiros.

Andavam pelas estradas gritando o seu lema; quando encontravam trabalho paravam à beira da estrada e trabalhavam. Dormiam nos celeiros, palheiros, estábulos, onde quer que lhes dessem hospitalidade.

Em Dezembro de 1618, cinco caldeiros de Ribordone estavam em Pavese, entre eles Giovanni Berardi com o filho Giovanino de 16 anos. Antes de ir dormir o pai convidou o filho para recitar as orações da noite. Giovanino, se calhar cansado ou doente, respondeu-lhe mal, com uma das típicas frases da adolescência. O pai tentou insistir, até que, furioso, atira-se ao filho e enche-o de pancada, insultos e com uma maldição: “que tu nunca mais possas falar”.

“Ela fez tudo”

Durante muitas horas, Giovanino ficou inconsciente, depois lentamente recuperou, mas sem ter o uso da palavra. O pai rezou muito e prometeu que assim que pudesse levaria o filho em peregrinação ao Santuário de Loreto, como penitência pelo ato violento e pela pouca devoção do filho.

Tristemente na viagem de volta a casa, o pai gastou o pouco dinheiro que tinha ganho em curas e consultas médicas sem obter os resultados desejados. De volta às montanhas de Ribordone, Giovanino tinha de tratar do rebanho enquanto a miséria obrigava a família a grandes sacrifícios porque tinham um voto a manter: tinham de ir em peregrinação até Loreto!

Quando voltou a bela estação o pai tratava dos campos e Giovanino do rebanho como sempre nas pastagens do monte Colombo.

Aqui, num prado muito íngreme, chamado pelos aldeões “Prascondù”, Giovanino viveu um dia inesquecível. O rebanho estava tranquilo e enquanto o Giovanino dormia, teve a sensação de uma presença por perto: diante de si viu uma mulher com a cabeça tapada que lhe falou lembrando-o de manter a promessa que tinha feito e, antes de ir embora, adicionou que naquele lugar onde ela tinha aparecido, desejava que erguessem uma capela dedicada a Ela e desapareceu.

Giovanino, ultrapassado o espanto, percebeu que aquele não tinha sido um sonho e à pressa correu até à mãe para lhe contar o que tinha acontecido. Curiosas, outras mulheres reuniram-se diante da ca-



sa. O rapaz, a uma velocidade vertiginosa, contou e explicou tudo como se nunca tivesse sido mudo. Durante duas horas falou sem parar depois... de repente tornou-se novamente mudo e não falou mais apesar das solicitações do pai e do Reitor da paróquia.

O pai, diante desta nova situação, decidiu fazer a peregrinação o mais depressa possível. A eles uniu-se um conterrâneo levado pela fé, assim dia 26 de Dezembro chegam a Loreto, assistem à missa, recebem os sacramentos e retomam caminho, se calhar um pouco desiludidos... Giovanino ainda não falava. Mas no caminho para casa encontraram uma grande cruz: Giovanino afastou-se, ajoelhou-se e rezou.

Quando se levantou virou-se para o pai falando normalmente. De volta a casa, Giovanino contou novamente todos os detalhes ao pároco, insistindo sobre o pedido de Nossa Senhora, pa-



ra que em PRASCONDÙ erguessem uma capela onde fosse venerada a Nossa Senhora de Loreto.

Enquanto esperavam pelas autorizações das autoridades competentes, o povo tinha-se ativado e uma igreja pequenina já tinha sido construída no sítio onde Givoanino tinha visto a aparição e a Nossa Senhora tinha falado. A Fé dos Ribordoneses, rapidamente, tinham movido uma grande quantidade de pedras e materiais para agradecer a Nossa Senhora. A capela foi depois ampliada para poder conter o grande número de fiéis que chegavam de todos os cantos.

O altar foi decorado com seis candelabros em forma de cruz dourada e quatro anjos. O fresco da Virgem de Loreto está protegido por um vidro suportado por uma cruz dourada. Nos lados dois altares dedicados a São José e São Roque. Nas paredes numerosos quadros votivos.

Este primeiro edifício de culto, foi depois, destruído por uma avalanche e reconstruído numa posição mais segura para lá do rio. Assim nasceu a nova igreja, a atual, que pela sua importân-

cia e pelo evento milagroso que recorda, tornou-se “SANTUÁRIO”. No tempo, seguiram-se muitas ampliações e reestruturações que levaram ao atual complexo de edifícios.

Na sua totalidade é uma construção muito simples que valoriza o essencial e a comodidade dos peregrinos, mas que garante a linha dos edifícios alpinos.

Hoje o Santuário continua a ser o centro vital de muitas comunidades. Um momento de recolha e de oração que encontramos logo aqui a dois passos do céu, onde o olhar se perde no verde das montanhas, entre os caminhos cheios de flores, num silên-

cio interrompido pelo escorrer da água gelada do pequeno rio e pelo som longínquo dos sinos dos rebanhos no pasto.

Esta é a história de PRASCONDÙ (prado escondido).

Nota bastante hedonista: após ter reforçado o espírito, é possível reforçar o corpo com produtos locais, amavelmente preparados no ponto de restauração “A locanda do sol”!



Conto de Natal

De “O Evangelho dos pés de Antonio Mazzi”

Se refletirmos bem o seu nascimento não foi dos melhores.

Tornou-se carne no seio da mais humilde jovem da Palestina. Nasceu como qualquer outro bebé desamparado, para além disso numa gruta fria! Primeiro manifestou-se aos pastores da zona, aceitou dons de estrangeiros desconhecidos, ignorando os palácios dos reis, as castas dos intelectuais, os cultores das leis sagradas.

Ainda só tinha algumas horas de vida que já tinha os seus inimigos. Obrigou os pais, com o coração nas mãos, a esconderem-se e a fugir. Se Herodes o Grande, o tivesse encontrado, a luta teria sido ímpar. Ímpar e absurda e esta história da redenção teria acabado miseravelmente.

Porquê um Deus menino? Porquê renunciar à sua onnipotência?

Pouco sabemos dos seus anos de adolescência e de juventude. No entanto, não fez nada de especial. Por outro lado, o que é que podia fazer? O seu pai não era por acaso aquele José que todos conheciam, aquele pobre homem que sabia trabalhar com as mãos, visitante frequentador do templo, mas a quem nenhum sacerdote imaginava dar para as mãos o pergaminho da Lei? Mal sabia ler e escrever!

Contudo, para dizer a verdade, este Jesus seu filho, com menos de doze anos, entretinha-se muitas vezes com os doutores do templo. Algo muito insólito seja pela sua idade, seja pela sua simples extração social.

Parece-vos esta a família de um Messias? Esperámos mesmo durante séculos a vinda de um homem assim tão simples? E o que dizer de Maria, sua mãe? Entre as jovens da sua idade haviam imensas raparigas das melhores famílias, lindas e graciosas, com roupas que perfumavam as ruas, e

os seus olhos eram como os de uma corça indomável, com um dote rico porque eram filhas dos mais notáveis homens do país.

Todas estariam honradas por dar vida e ser mães ao potente Messias que libertaria o povo do domínio estrangeiro e mudaria o mundo, obrigando-o assim a reconhecer a supremacia de Israel, o Eleito!

Porque é que Deus quis revolucionar as maneiras dos homens? Não eram maneiras corretas, maneiras mais confortáveis e privilegiadas? (...)

Este Jesus diminuiu as distâncias; seguindo os factos que todas as bocas contam, bastava a fé para mover as montanhas; um dia deu de comer a uma multidão com poucos peixes e alguns pães; claro que se esta pessoa possuía assim tanto poder, era um desperdício de milagres! Há coisas mais importantes do que o estomago. Deus o que é que fizestes dos teus sábios e dos teus doutores? O que é que vamos fazer com estas torres de livros?

Vamos considerar que este homem seja mesmo o Filho de Deus. Vamos considerar que o nosso coração, habituado às facilidades, às riquezas, às regras rigorosas, não tivesse reconhecido ‘Deus feito homem’. Vamos considerar a louca hipótese que ‘Deus feito homem’ se tivesse despido do seu imenso poder e tivesse vivido entre nós como um homem qualquer.

Se tudo isto fosse verdade não bastariam todas as cinzas do mundo para cobrir a nossa cabeça. Rasgar as roupas já não bastaria. Se este homem fosse mesmo Deus ... então a cruz ... seria o trono que o homem teria preparado para acolher o seu Deus ...

Se tudo isto fosse verdade, as vias que Tu escolheste não foram as nossas.

Senhor quando é que nos perdemos? O que é que não percebemos?

Vamos considerar a hipótese que o nosso coração,
habitado aos bens, às riquezas,
às regras rigorosas,
não tivesse reconhecido este
'Deus feito homem'.



A Associação é Vida

Testemunhas de uma identidade

Da **ARGENTINA** Viajar ao fim do mundo

as Ex-Alunas/os da Federação da Argentina *

No mês de janeiro recebemos uma agradável notícia: a Delegada Mundial das Ex-Alunas, irmã Gabriela Patiño, vinha-nos visitar.

Com grande alegria começamos os preparativos, comunicamos com as Uniões, falamos com os membros dos Conselhos, elaboramos o itinerário, pedimos mais tempo...

A data proposta pela irmã Gabriela é no mês de maio, fantástica! Mês em que honramos Maria Auxiliadora: não faltaram afirmações como “É Nossa Senhora que a manda”. Assim o tempo passou rapidamente e dia 10 de Maio, de noite, chegou à nossa terra.

Foi uma estadia frenética: muito espaço para percorrer em pouco tempo, mas com a ajuda de Deus conseguimos completar totalmente o itinerário.

Enquanto estava na Argentina não podia deixar de visitar a União mais meridional do mundo, Rio Grande e, sucessivamente, Río Gallegos. Pôde encontrar Ex-Alunas/os de quase todas as Uniões. Esperavam a irmã Gabriela com uma bela MESA, à volta da qual

ouviam a sua palavra para depois apresentar-lhe as Obras em que colaboravam: bairros em risco, oratórios, casas de dia.

A visita da Delegada motivou-nos muito, porque falou-nos de Dom Bosco, de Madre Mazzarello, da pertença à Família Salesiana, da nossa missão no mundo.

Nem todas as Uniões que o desejavam puderam ser visitadas devido às grandes distâncias na Argentina, mas toda a Federação seguiu o itinerário através da internet e com a oração.

Obrigada irmã Gabriela, gostaríamos que tu voltasses a visitar-nos em breve!

* A Federação Argentina ABA – Buenos Aires



De **GIAVENO** (Turim, Itália)

Nos passos da Auxiliadora há mais de oitenta anos

de Anita Zollini *



Em Giaveno, na província de Turim, existe uma devoção que passa de geração em geração. É a devoção a Maria Auxiliadora que, há mais de oitenta anos, reúne em procissão pelas ruas da cidade centenas de pessoas de todas as idades.

Foi no dia 27 de Maio de 1937, festa do Corpus Domini, que pela primeira vez o bloco da estátua

A procissão através da cidade

da Nossa Senhora com o Menino e São João Bosco ajoelhado, esculpido por Giuseppe Nardini de Milão, deixava temporaneamente o Instituto Maria Auxiliadora da cidade e ia para a paróquia de São Lourenço Mártir onde ficou durante três dias para ser adorado pelos fiéis e depois voltou para sua “casa”.

Foi levada nos ombros de jovens veteranos de guerra, respeitando a promessa feita no ano anterior para que voltassem sãos e salvos da guerra na Etiópia. Assim foi.

As histórias da época descrevem uma procissão de volta, da igreja ao Instituto, com uma multidão nunca antes vista na aldeia.

Passados 82 anos daquele dia, na cidade onde Dom Bosco foi Reitor do Seminário Arcebispal de 1860 a 1862 e onde as Filhas de Maria Auxiliadora trabalharam pelos jovens a partir de

O bloco da estátua



A Associação é Vida

1893, as duas procissões noturnas não deixaram de atrair centenas de fiéis em oração na ida e na volta.

Hoje em dia, o bloco da estátua é levado pelos alpinos, os atiradores, os salesianos cooperadores e muitos voluntários, antecidos pelos Carabinieri (t.l.: GNR) reformados, pela banda musical Leone XIII e pelas majorettes, pelos administradores da câmara com o presidente vestido a rigor, pelos padres e pela grande família salesiana, formada pelas freiras, pelos cooperadores, pelas Ex-Alunas e Ex-Alunos.

No serão de domingo, após o bloco da estátua ter voltado para o Instituto Maria Auxiliadora, o pároco saúda os presentes com um breve sermão e a bênção, enquanto a diretora do Instituto anuncia os nomes dos novos padres do ano a seguir.

Assim foi também na última procissão, domingo dia 19 de Maio de 2019.

“Dom Bosco estava convencido que não podia chegar a Deus sem passar por Maria – disseram, nesta ocasião, o pároco de Giaveno, Dom Gianni Mondino, e a diretora do Instituto, irmã Anna Maria Giordani – E é comovente pensar que a devoção a Maria atrai todos os anos tantos devotos. Confiamos Nela, que é a Auxiliadora, nossa ajuda, que



acompanha todos os nossos passos no bem e nas dificuldades”.

* Ex-Aluna de Giaveno

Hoje em dia, são os alpinos que levam a estátua ...

FAÇAMOS MEMÓRIA

**Dia 30 de Novembro
e dia 31 de Dezembro
Santa Missa pelas Ex-Alunas,
os Ex-Alunos, as FMA
e os familiares falecidos nestes meses.**



De **JERAGO** (Varese, Itália)

Reencontrar-se entre Ex-Alunas faz bem ao coração!

de Giulia Martinelli *

Foi no dia 27 de Agosto que Carla, a Presidente da União de Jerago, preparou o convite para o grupo das Ex-Alunas e para a comunidade. Era o dia em que se festeja Santa Mónica, padroeira das noivas e das mães, uma amena mas decidida figura feminina à qual nos podemos inspirar na vida quotidiana, Gosto de Santa Mónica, um exemplo para todas nós, pela sabedoria que soube transmitir ao coração dos filhos, pela capacidade de ler e meditar as Sagradas Escrituras, pela oração constante e solitária, pela capacidade de transmitir a fé cristã.



O convite era para encontrarmo-nos entre Ex-Alunas e o Conselho de Federação, um desejo de comunhão num dia muito especial para toda a paróquia de Jerago. De facto, todos os anos, no terceiro domingo do mês de Setembro, celebra-se a Festa do Doente. Assim, colhemos a ocasião para reencontrarmo-nos, saudarmo-nos, conhecermo-nos e fazer festa unidas, juntando-nos a algumas Filhas de Maria Auxiliadora ligadas à Comunidade de Jerago. Estiveram, especialmente,

conosco a ir. Paola Rudello que este ano festejou o seu 50º aniversário de profissão religiosa, a ir. Petronilla Colombo, delegada da Federação de Varese, e a ir. Giusy Riotti.

Às quatro horas da tarde, a Missa na paróquia de São Jorge, foi intensa, cativante, participativa. “Abençoados os últimos, porque serão os primeiros” começou Dom Remo, para acender em nós a esperança, para aliviar os sofrimentos de quem está doente, para nos ajudar a saborear as alegrias do Paraíso onde cada um será visto na sua completa e interior beleza.

Depois, o sacramento da Unção dos Enfermos, a bênção com o Santíssimo Sacramento entre os bancos. A imensidão de gentileza, a delicadeza dos gestos, os sorrisos, o amoroso cuidado de quem acompanhava os idosos e os doentes, conseguia-se ver tudo, conseguia-se sentir tudo no ar.

Os alegres abraços com as irmãs, que lem-

ir. Giusy Riotti com Giulia Martinelli



A Associação é Vida

bram pedaços de caminho que viveram conosco e ainda levam no coração, encontros fecundos, generativos.

Depois, o lanche aberto a todos, porque as Ex-Alunas são assim: presentes no meio da comunidade, com o espírito ao humilde serviço que as caracteriza. Mais do que um lanche, um verdadeiro *buffet*, dos salgados aos cafés, passando pelos doces. Aquela discreta abundância que representava a alegria de acolher e o desejo que cada um pudesse voltar a casa cheio, não só no espírito, mas também no corpo.

Uma tarde juntos, de oração e de alegria, de trocas recíprocas e carinhosas, foi o momento que aqueceu o coração e o abriu às boas relações, sempre fonte de novidade na nossa vida. Não faltaram as confidências de quem já tem muitos anos às costas e algumas dores ainda a superar e transformar, mas que pode tornar-se mais leve porque partilhado com um aperto de mão, um sorriso, um abraço.

Deixámo-nos com o desejo de nos voltarmos a ver e encontrar para um almoço juntos, com mais tempo à disposição para falar. Com a irmã Petronilla, Luigina e a irmã Giusy voltámos para a Casa



de Maria Auxiliadora de Varese levando no coração o eco das vozes, dos olhares intensos e brilhantes e lembrámo-nos da verdade na frase de Maín “Só a caridade (o amor de Deus) é um laço tão forte que mantém unidos todos os corações”.

** Presidente da Federação de Varese*

Momentos do dia com a delegada da Federação a irmã Petronilla Colombo e a Presidente da União de Jerago.

Em baixo: a festejada pelo seu 50º aniversário de profissão, Irmã Paola Rudello



De **CESUNA** (Vicenza, Itália) **Fios, fiados, tecidos e rendas**

de Gabriella Gambarin *

Todas transformadas em hábeis, virtuais “tecelãs” as Ex-Alunas (mas também se juntam alguns maridos!) que participam aos tradicionais “TRÊS DIAS NO PLANALTO DE ASIAGO” em finais de Junho! Este ano seguindo o lema “TECER RELAÇÕES COM DEUS E COM OS IRMÃOS”, as duas federações Venetas (Pádua e Conegliano) organizaram, como fazem há dez anos, o tanto esperado fim-de-semana na VILA TABOR, em CESUNA, entre o verde e o fresco inebriante da montanha, com um tema de reflexão e de pesquisa em específicos: “DO FIO AO TECIDO”. O objetivo já tinha sido anunciado no último DIA DE FORMAÇÃO no final de Março:

- EVIDENCIAR O BOM E O MAU QUE O SENHOR “TECEU” NA MINHA VIDA.
- VALORIZAR E REFORÇAR AS AÇÕES E AS RELAÇÕES “ENTRELAÇADAS” ENTRE NÓS E COM DEUS

A casa das nossas irmãs, Vila Tabor, é linda, acolhedora, luminosa, confortável, com lindos quartos e todos os ambientes virados para os verdes e vastos panoramas pintalgados pelas brancas aldeias no planalto. O clima que nós – modéstia à parte – conseguimos criar e sabemos que vamos encontrar é muito alegre – para não dizer “rumoroso” - cheio de cordialidade e de sorrisos que vêm do coração e do nosso ADN salesiano.

Todos os anos os TRÊS DIAS EM CESUNA (Vicenza) fortalece-nos a alma e o corpo também! Até a montanha faz a sua parte oferecendo-nos um ar balsâmico, efervescente, fresquíssimo, depois de tanto caldo e poluição da cidade! O ano passado o tema era “o Perfume” que nos ajudou a perceber que somos “PERFUME DE CRISTO”.

Este ano, desde sexta-feira, começámos a perceber que “a nossa vida, a nossa formação, são frutos do entrelaço dos vários fios, que deram forma ao “tecido que so-

mos agora”. Quando entrámos na sala, encontramos diante de nós uma riquíssima exposição de tecidos de todo o tipo, de rendas, bordados, laços, cachecóis, fitas, naperons, véus. Cada uma foi convidada a escolher “o que a representava melhor”. Houve quem escolhe-se um centro de mesa com um voo de anjos, quem um lenço com as iniciais bordadas, quem um laço vermelho, quem uma bola de lã amarela, quem a tesoura ou um dedal, quem um bordado, quem um macramé ou um pedaço de saco! Depois, primeiro, divididas em grupos, depois na assembleia, quem queria, eramos convidados a descrever a sua escolha e como se sentia representada, portanto a “personalizar” a própria pasta colando o tecido, a fita ou o bordado.

No sábado concentramo-nos na Palavra de Deus, comentada com vivacidade e competência, como nos anos anteriores, por Dom Alberto Pregno, da Diocese de Pádua, que nos ajuda a percorrer a importância da roupa na Bíblia, onde está o símbolo da DIGNIDADE, da IDENTIDADE, do PODER, desde Adão e Eva, que dão conta que estão nus e experimentam a miséria provocada pelo pecado, à primeira e segunda túnica de José, uma o símbolo do amor paterno, a outra que lhe dá autoridade, depois a da humilhação



A Associação é Vida

provocada pelos irmãos, passando por Eliaquim, a quem Deus diz: “Revesti-lo-ei com a túnica, envolvê-lo-ei com o cachecol, colocarei o Poder nas suas mãos”, passando por Ester, onde a túnica que Mordecai veste, testa a Bondade do rei e o reconhecimento público de homem que agiu com Justiça, passando por Ezequiel, onde a túnica é sinal da Fidelidade de Deus e do Seu Amor por todos, até a quem se prostitui, até chegar ao Evangelho, a “veste mais bonita” usada pelo filho desastrado que voltou para a casa do Pai Misericordioso, até chegar a São Paulo, que convida os batizados a “VESTIR CRISTO”, o que quer dizer que Jesus deve ser visto no cristão como se vê a sua roupa, portanto os sentimentos de Cristo que nós devemos mostrar: Ternura, Bondade, Humildade, Mansidão, Magnanimidade, Misericórdia, Docilidade. Enfim Jesus, dizendo: “Atentos ao novo! Atentos ao velho! Atentos ao “novo” mas também ao “velho”.

A seguir, com agulha e fio, remendam, cozem juntas, arranjam cada rasgo. O cristão é chamado a ser um costureiro especialista de agulha e fio. A agulha é a dor, o fio é o Amor. Para reparar um “rasgo”, é necessário passar e repassar, com agulha e fio, com Paciência, com Atenção.

Portanto, o sábado à tarde é movimentado pela chegada de Verona de um Grupo de voluntários da As-

sociação “AD MAIORA – VERONA TESSILE”, fundada em 1995. Têm no ativo 106 componentes, que se reúnem para coser roupa, criar cobertores, recuperar vestuário para ajuda quem precisa de ajuda. Elas são tão boas que, doando-nos só alguns quadradinhos de tecido estufados no momento, ensinaram-nos a coser um lindo cobertor, que podemos estender completa (mesmo trabalhando com “pontos longos” em 6 ou 7) aos pés do altar durante a Missa do final do dia.

Unidas na celebração da Missa e depois na manhã seguinte, primeiro na oração e por fim na explosão de alegria do almoço, tornámos nossas as palavras de P. Andrea Panont: “Tecido, agulha e fio nas mãos do costureiro, não sabem o que faz o artista. A sua sorte e o seu valor está no estar na sua mão e no confiarem na sua perícia. Assim nós percebemos que se queremos ser instrumentos de UNIÃO, saber coser rasgos, é suficiente estar nas mãos do DIVINO COSTUREIRO”, como tinha percebido Domingos Sávio, confiando em Dom Bosco, portanto em DEUS, dando o seu jovem tecido.

À tarde partimos recarregadas, enriquecidas, fortificadas na alma e no corpo, agradecidas à Associação, que nos ofereceu estes belos dias e, em especial, agradecidas à Olivia, à Luciana, à Roberta e à Presidente que organizaram tudo.

** Ex-Aluna da Federação*

De **NOVARA** (Itália) **Ex-Alunas** **reunidas**

Para uma tarde juntas. A oração na igreja, depois conversa e muitas lindas recordações. Mas nunca se deixa de ser Ex-Alunas apaixonadas de Dom Bosco e Madre Mazzarello!



Da **FEDERAÇÃO PIEMONTESE** (Itália) **Maria Auxiliadora Saudação à irmã Maddalena**

das/os Ex-Alunas/os da Federação Itália *

É nosso dever, querida irmã Maddalena, rescrever-te o último adeus, dar-te todo o reconhecimento e amor das Ex-Alunas da Federação piemontesa, Maria Auxiliadora. Muitas te antecederam na última, e mais importante viagem da vida, e de certeza já as encontraste na glória.



Quando aceitaste a tarefa que te era pedida de desenvolver **o papel de delegada da Federação das Ex-Alunas**, se calhar não tinhas a noção de que irias revolucionar aquele papel para sempre. No dia de Setembro em que timidamente entraste, com a humildade e descrição que te caracterizam, no nosso Conselho, confessaste que te sentias impreparada para aquela tarefa e pedístes-nos que te ajudássemos. **“Tratemo-nos todos por tu”, disseste logo.** Para as pessoas da minha geração tratar por tu uma freira era absolutamente impensável, aliás era considerado um comportamento inaceitável. Mas acolhemos com alegria este pedido, que de repente nos fez sentir **grandes, importantes**, quase pondo ao mesmo nível laicos e consagrados, com o espírito de colaboração que, no tempo, cresceria dentro da Família Salesiana e que na altura, (início dos anos 80) era a primeira tentativa de tradução prática da exortação do Concílio Vaticano II.

Juntas percorremos um longo pedaço de caminho, do qual quero lembrar alguns momentos importantes. **1981:** celebração do centenário da morte de Madre Mazzarello, com congresso das Federações italianas em Turim. Para a circunstância improvisámo-nos autores de teatro e atores, propondo no palco a vida de Madre Mazzarello. **1988,** Roma: participação no Congresso Mundial dos Ex-Alunos SDB, com grande emoção: era a primeira vez que as duas associações falavam! Depois

aprenderiam a dialogar. E juntas, noutras ocasiões menos importantes, revolucionámos a vida da federação, saindo mais no território, dando mais importância às pequenas Uniões de aldeia, organizando todos os anos dois dias de formação espiritual nos momentos importantes do ano litúrgico: advento e quaresma.

Também aprendemos a **dedicar-nos à obra de mútua ajuda** que era tão importante para Dom Rinaldi, no início do caminho associativo, ajudando economicamente Ex-Alunas em dificuldade, visitando as irmãs doentes na Villa Salus. Como esquecer os bons momentos como as visitas anuais, a participação às procissões de Maria Auxiliadora que decorrem nas Uniões da província no último domingo de Maio? Partíamos da Praça Maria Auxiliadora com um autocarro cheio de freiras e Ex-Alunas, e era uma festa, como foram os peregrinos em Savoia, seguindo as pegadas de São Francisco de Sales, à descoberta das nossas raízes.

Uma das maiores e mais envolventes iniciativas foi a geminação com a pequena União de Cuba, para a apoiar foram doados 5 milhões de liras italianas, entregues à irmã Maria de Los Angeles que estava a partir para a ilha. Com aquela quantia as Ex-Alunas criariam um laboratório de costura. Juntas participámos em congressos europeus, e assembleias mundiais, levando a Federação para o seu glorioso centenário de vida, celebrado em Turim em 2008. Naquela altura já não eras a nossa delegada, mas estavas sempre atenta e fazias sempre parte da nossa vida associativa.

Não te passava ao lado nenhuma iniciativa importante, nenhum momento de vida da Igreja, da Diocese, nenhuma ocasião de crescimento

A Associação é Vida

cultural. Solicitavas sempre a nossa participação com muita descrição e delicadeza, de uma maneira à qual era impossível dizer que não.

Após te teres reformado continuámos a sentir-te próxima e atenta, presente nos momentos difíceis das nossas vidas privadas, onde nos fizeste sentir a tua presença na oração.

Querida Irmã Maddalena, ajudaste-nos a perceber que uma vocação vivida com alegria e coerência incentiva as pessoas que estão à nossa volta a viver a própria vocação, laica ou consagrada, com a mesma dedicação e coerência, porque esta é a felicidade.

Foste uma grande delegada, uma grande FMA, uma grande mulher.

Obrigada por tudo aquilo que fizeste por nós. Obrigada pelo quanto gostaste de nós. Nós também gostamos muito de ti.

Excerto do discurso escrito para a irmã Maddalena Canale em ocasião das exéquias

Irmã Maddalena Canale nasceu em Turim a 24 de Maio de 1924, mais velha de três irmãs, numa família de sãos valores cristãos. Frequenta a escola das FMA em Valdocco e sente a chamada à vida claustral, mas o seu diretor espiritual convence-a a escolher o instituto das FMA. Em 1943 começa o aspirantado. Após a profissão, em 1946, estuda letras em Castelnuovo Fogliani e, depois da licenciatura, começa a ensinar no Instituto Maria Auxiliadora de Turim. Em 1958 é enviada como diretora para Conegliano Veneto e em 1963 é nomeada vicária inspetorial da casa Imaculada. Seguiu-se uma transferência para Casale, e depois voltou para Turim, Maria Auxiliadora, onde ficou como professora de 1970 a 1982, entretanto tornou-se delegada das Ex-Alunas, primeira da União Maria Auxiliadora, e mais tarde da federação piemontesa Maria Auxiliadora. A partir de 1982 continuou a sua missão no Instituto Virginia Agnelli.

Desenvolve o papel de delegada da federação até 2000; desde 2006 estava hóspede no lar de idosos São José em Turim. Faleceu dia 14 de Agosto de 2019.

De **CAVAGNOLO** (Turim, Itália)

Jornada social com grande participação das Ex-Alunas



As mãos no mundo

Empenho sem fronteiras

Eles sabem

de Alessandro Ciquera *

Younes vem do interior de Hama, na Síria, é uma criança perspicaz com os olhos escuros, que vive com a mãe e o pai numa pequena aldeia entre as montanhas do Líbano central.

Nos últimos anos diagnosticaram-lhe o fator 7, uma doença hemática que lhe causa frequentes hemorragias.

Continua a fazer uma terapia plasmática, que, no entanto, em poucos anos torna-se insustentável para o corpo: na verdade ele precisa de uma injeção muito cara para sobreviver, e ter a possibilidade de tornar-se adulto.

Hoje em dia o preço da vida desta criança na Líbia é de \$3.750 por semana, um custo insustentável para um núcleo familiar vulnerável, até na Europa moderna.

Oferecemos-lhe a possibilidade de viajar com o Corredores Humanitários para a Itália ou para a França, onde a injeção de que precisa seria dada pelo Sistema Nacional de Saúde.

No entanto, logo nos primeiros encontros, o pai, com provável herança de uma mentalidade patriarcal e

dominadora, com nuances não bem escondidas de obsessão, mostrou-se contra a obtenção do visto para a família, e contra a possibilidade que a mulher e os filhos viagem para o nosso continente para receber assistência médica.

Uma loucura nos olhos de quem tem um mínimo de bom senso, mas não para quem tem a mentalidade mais fechada do que uma mesinha de cabeceira.

Neste momento estou na tenda, com a ventoinha acesa porque falta o ar, repensando nos encontros que tive com eles e à dor nos olhos desta mãe que está a ver o próprio filho lentamente a ficar mais fraco, e pergunto-me quem é o responsável desta situação. Penso que fazer as perguntas certas seja uma maneira para perceber que direção seguir.

A culpa é do pai, que provavelmente cresceu num ambiente machista e opressivo para com as mulheres?

A responsabilidade é do regime sírio e das várias milícias rebeldes na Síria, que muitas vezes por oportunismo, outras por sede de poder, arrastaram o País num banho de sangue do qual o Younes teve de fugir?

Ou então a culpa cai nas Nações Unidas e nas várias Agências Humanitárias que não são capazes de dar por direito um medicamento salva-vida a uma criança prófuga?

São perguntas que ciclicamente ruminam na minha cabeça, porque por aquilo que vivi nestes anos em Tel Abbas, é a indiferença que mata, literalmente. Quando alguém acha que no fundo a sentença final cai noutra pessoa, ali é o início do fim, porque “o outro” nunca é alguém digno de ser



As mãos no mundo

considerado humano, mas um número sacrificável.

Ontem Musaeb, hoje Younes.

Qual é hoje o preço da vida de uma criança? Provavelmente é proporcional a quanta vida pomos naquilo que fazemos. Sendo o prato tão desequilibrado, só pondo uma vida, podes pagar o preço de outra vida, não indo ao 50% ou a várias percentagens, mas pondo a tua própria existência em jogo, com um grande risco, o de ficar queimado e de ver as pessoas de quem gostas apagar-se sem piedade.

Nour entra pela milésima vez enquanto estou a escrever e isso dá-me um pouco de dores de cabeça... porque é que nunca ouve quando lhe pedimos para não ir para dentro da tenda dos voluntários?

Olho à minha volta, a vida quotidiana continua, uma galinha passa à frente da porta com ar perdido, Younes está algures nas montanhas, a ver o dia a passar.

Quanta vida e quanta dor juntas se pode sentir contemporaneamente, mesmo assim é esta a escolha feita, só um grande empurrão pode equilibrar uma tão grande destruição humana.

Vem em minha ajuda a escritora Joanne Rowling (autora do Harry Potter), com as suas palavras ditas por Dumbledore: "Ter sido amados tão profundamente é algo que nos protege para sempre, até quando a pessoa que nos amou já se foi embora, é algo que fica dentro de nós, na pele".

Volto a levantar a cabeça, Nour está a revistar numa montanha de folhas e cadernos amontoados, provavelmente ela também está ciente desta lei no seu coração, se não como podemos explicar o ser assim tão ativa todos os dias, ela que chegou exausta da Síria nos braços da mãe, devido a uma doença apanhada durante a fuga.

Nem se explicaria o tímido sorriso de Younes, ou os abraços de Rim.

Eles sabem algo que nós corremos o risco de esquecer, sabem que vale a pena.

** Ex-Aluno da União Madre Mazzarello
Via Cuminana Turim*

De Giaveno a Bombay para reencontrar um milagre

de Anita Zolfini *



No coração da imensa Bombai (hoje Mumbai), na longínqua e pobre Índia, existe um grande edifício que os locais chamam o **"milagre da irmã Eugenia"**. É uma escola que hoje acolhe 2500 meninas e jovens, construída em apenas 5 anos, de 1946 a 1951. À entrada, em cima, está a foto da benfeitora deste milagre: **irmã Eugenia Luigina Versino**, Filha de Maria Auxiliadora, nascida a 1905 em Giaveno, na aldeia Buffa, lá onde hoje está uma rua com o seu nome.

Durante o noviciado, de 1924-25, foi enviada para Oxford, na Inglaterra, e em 1926 faz os votos perpétuos como Filha de Maria Auxiliadora. Mas é para o caminho das missões que ela é preparada e a Índia é a sua meta, para onde vai em 1935.

Há alguns meses, quatro sobrinhas desta corajosa e teimosa freira conseguiram realizar o sonho há tanto desejado: percorrer os passos da própria tia na Índia para ver com os próprios olhos o que tinha construído e o que tinha ficado. Maria Ausilia, Olga, Valeria e Giuliana, filhas do irmão da freira Eugenia, Felice, nunca na vida se tinham afastado tanto de casa.

O outro irmão era o Guido, pai de Piercesare e Elio, residentes na rua dedicada à tia.

Chegaram a Mumbai dia 28 de Março e voltaram dia 9 de Abril: poucos dias, mas suficientes para tocar o que a tia construiu numa cidade onde a miséria

vive em cada canto. Mesmo ali, entre os últimos, **no bairro de Wadala, a irmã Eugenia Versino construiu o Auxilium Convent**, uma grande estrutura de três andares que não é só uma escola para muitíssimas estudantes, a partir das mais pobres, mas também espaço para acender nas jovens mulheres uma tomada de consciência responsável da própria feminilidade. A Ir. Versino realizou a estrutura em tempos quase de recorde, venceu as desconfianças, superou as dificuldades graças a uma forte fé, batendo com descontração às portas dos potentes e pedindo o contributo dos habitantes, numa terra que nada sabia do modelo educativo de Dom Bosco, no qual a irmã Eugenia se inspirava.

«**Tudo ficou como era** – contam as quatro sobrinhas – O edifício está exatamente como as fotos da altura, mas está cheia de vida».

Maria Ausilia, Olga, Valeria e Giuliana partiram sem contactar as irmãs locais, só com a marcação no hotel. «Quando chegámos a Mumbai, telefonámos ao Auxilium e encontrámos a disponibilidade da Irmã Aruna que foi a nossa guia, durante toda a nossa estadia. Visitámos a Casa Auxilium, que tem atualmente 11 freiras de Maria Auxiliadora, todas indianas. Fomos à tumba da nossa tia que, exceccionalmente, para a nossa visita, foi recoberta de flores. Fomos muito bem acolhidas, até nos mostraram o guarda-sol dela que conservam como uma relíquia. Encontrámos um idoso salesiano que a conheceu e que

nos contou que era uma autêntica força da natureza».

As quatro irmãs guardam viva a memória desta enorme cidade indiana caótica e barulhenta, onde atravessar a rua torna-se numa epopeia, onde cada espaço livre no passeio é bom para construir uma barraca

e, portanto, os pobres, os chamados ‘invisíveis’ moram em todo o lado na indiferença dos passantes. «Uma miséria que dá maior valor ao que temos e que explica o motivo pelo qual, nestas zonas, definem como milagrosa e obra da irmã Eugenia Luigina».

A missionária não teve tempo para ver os frutos da Casa Auxilium porque a 30 de Março de 1951 foi empurrada fora de um comboio (assim escrevem nos jornais de então baseando-se na reconstrução de um irmão que estava com ela) e morreu no instante. Mas naqueles carris a irmã Eugenia Versino não deixa de viver, aliás volta à ‘vida verdadeira’, aquela pela qual não hesitou gastar sem reservas, a sua existência pelos mais pobres.

** jornalista de La Valsusa*



Ler é uma aventura

Quis contra nos de Federico Lorenzo Ramaioli

de Lorenzo Trapassi *



É raro que um texto de história do direito seja lido como um romance. Um empolgante romance histórico que leva os leitores numa viagem no tempo, há 100 anos atrás, quando um punhado de jovens que seguiam as ordens de um poeta-soldado se apoderaram de uma cidade e a tornaram no Estado mais progressivo e multicultural do mundo. Mas, repito, esta revisão não se refere a um romance, mas ao texto “*Quis contra nos? Storia della Reggenza del Carnaro da D’Annunzio alla Costituzione di Fiume*” (n.t.: Título traduzido: *Quis contra nos? História da Regência do Carnaro da D’Annunzio à Constituição de Fiume*), escrito por Federico Lorenzo Ramaioli e publicado em 2018, com o prefácio de Giordano Bruno Guerri.

Sabemos todos como nasceu o movimento de Fiume: a Itália ganhou a Grande Guerra, pagando o preço de 600.000 mortos, mas o ampliamiento do território italiano em Trento, Trieste, parte da Áustria e da Dalmácia, deixava de fora a cidade de Fiume. A questão não encontrou solução nas mesas da diplomacia e permitiu a Gabriele D’Annunzio, na altura o mais famoso intelectual italiano do mundo, bem como herói de guerra, de registrar o termo “vitória mutilada”, acendendo a revolta nos milhares de jovens que ocuparam Fiume com a ideia de reuni-la à mãe pátria italiana.

O que é menos conhecido é como o Estado Fiumano soube criar, durante o seu breve tempo de existência, uma Constituição – a Carta do Carnaro – que não só



se demonstrou a mais progressista das Constituições na altura, mas soube antecipar institutos jurídicos que só décadas mais tarde entraram a fazer parte da ordenação italiana. De facto, num estilo literário inconfundível que só o Vate poderia usar num texto constitucional, a Carta do Carnaro estabelecia igualdade dos direitos entre os cidadãos, sem distinção de

sexo ou de religião, instituiu o sufrágio universal e fundou um tribunal constitucional que, em plena independência, garantisse o pleno respeito da Constituição pelos mais poderosos do Estado.

Não só: a Carta do Carnaro consagrou a arte e a multiculturalidade como valores fundamentais do Estado, tornando assim Fiume nada como uma cova de reacionários, mas uma experiência política sem precedentes, um acontecimento que foi seguido pela imprensa de todo o mundo e atraiu alguns dos melhores intelectuais da altura, para além de ex-combatentes, aventureiros e jovens que tinham fugido às mãos ou às tutoras...

Este lindo texto redime a atualidade da imprensa fiumana – engenhosamente negligenciada nos livros de História – e é finalmente explicada por um rigoroso jurista.



O Autor

Nasceu em Milão em 1989, Federico Lorenzo Ramaioli licenciou-se em Direito na Universidade Católica do Sagrado Coração, tornou-se advogado e colaborou nas cadeiras de Filosofia do direito e Metodologia jurídica na sua Universidade, publicou várias obras de tema histórico e jurídico. Diplomático desde 2016, atualmente é Cônsul italiano em Freiburg, na Alemanha.

Família torna-te naquilo que és

Explorar o mundo das relações



FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO acolher e amar

de Raffaella Messina *

Paralelo ao instituto jurídico da adoção, da qual falámos anteriormente, existe outro importante e profundamente diferente na tutela dos menores que são as famílias de acolhimento. Nas famílias de acolhimento, ao contrário da adoção, é estabelecido um tempo, uma duração e mantêm-se as relações entre o menor e a família de origem. A adoção requer a interrupção de qualquer relação com os pais naturais.

Nas *Linhas de direção para as famílias de acolhimento* lê-se: “a família de acolhimento é uma forma de intervenção ampla e dúctil que consiste em ajudar uma família a atravessar um momento difícil tomando conta dos seus filhos através de um conjunto de acordos de colaboração entre a família de acolhimento e as várias personagens que no território tratam do acolhimento e a proteção das crianças e do apoio às famílias. A família de acolhimento tem de ser principalmente vista como uma experiência de acompanhamento, de parentalidade partilhada e não como de substituição, de soma a mais em vez de subtração, de reconhecimento mútuo e colaboração em vez de competição e de conflito de lealdade”.

Ter uma criança, ou mais do que uma, em acolhimento quer dizer dar a própria disponibilidade para amá-lo como um filho sabendo que não o é; quer dizer empenhar-se e acompanhá-lo num momento importante da sua vida e ter a força de sabê-lo acolher e deixar ir quando chega o momen-

to; quer dizer pôr em jogo a capacidade de acolher uma história pessoal muitas vezes dolorosa.

Portanto, família de acolhimento é acolher, amar, cuidar, educar e ajudar a crescer um ser humano não pela relação que nasce do sangue, mas pela relação que nasce da solidariedade, do amor que somos capazes de doar sem ter nada em troca a não ser a alegria de ter ajudado.

Por isso, nas intenções do legislador são estes os valores que guiam um acolhimento; depois na realidade, às vezes, as coisas vão de maneira diferente e muitas vezes os acolhimentos revelam-se experiências negativas para o acolhido e para quem acolhe.

São várias as formas de acolhimento, as leis que a regulam e as experiências “reais” de quem num acolhimento doou e doou-se.

* psicóloga, Ex-Aluna salesiana



Terceiro Milénio

O presente que já é futuro

AS MULHERES QUE MUDARAM A HISTÓRIA

Mulheres, do presente e do passado, de quem falamos, mas sabemos pouco

de Cristiana Mariani

MARIA DE NAZARÉ O sim que mudou a história da humanidade

“Maria responde à proposta de Deus dizendo: «Aqui está a serva do Senhor» (v. 38). Não diz: “Vá, desta vez farei a vontade de Deus, torno-me disponível, depois veremos...”. Não. O seu é um sim cheio, total, para toda a vida, sem condições. E como o não das origens tinha fechado a passagem do homem a Deus, assim o sim de Maria abriu a estrada a Deus entre nós” (Papa Francisco Angelus 8 de Dezembro de 2016)

O Evangelho de Lucas conta: “Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi mandado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem, prometida como noiva a um homem da casa de David, de nome José. A virgem chamava-se Maria...”

“O Senhor está contigo”. Deus, o Presente, vai ter com Maria, saúda-a, desvenda-lhe a sua profunda identidade: “Cheia de Deus – a Amada” e espera uma resposta, espera que Maria escolha virar o seu coração para as palavras de Deus. E Maria escolhe: “seja segundo a tua Palavra”! Escolhendo Deus, Maria adere à verdade mais profunda do seu ser: sente-se nada mais que “serva” e como tal apresenta-se livre e sem exigências diante do Senhor. (irmã Monica Gianoli FMA, no site <https://sanbiaggio.org>)

Uma jovem da sua época, no sítio onde ela nasceu e cresceu era tudo menos livre. O teólogo **Alberto Maggi**, frade da ordem dos Servos de Maria, no seu ‘Nossa Senhora dos heréticos’, mostra-nos Maria como realmente teria sido considerada por um habitante de Nazaré: ‘um enorme escândalo’.

“Não podia ter nascido num lugar pior – escreve padre Maggi – nunca nomeada nos textos da Bíblia e nas escrituras dos Rabis, Nazaré e os seus habitantes tinham uma péssima fama. A existência de Maria começou na província da Galileia, no Norte de uma das nações mais insignificantes daquela altura: o pequeno e submetido Israel. No país com pior fama desta região e na mais baixa condição para um ser humano na altura: o ser mulher”.

Sem direitos civis, considerada mais coisa do que pessoa, sempre associada aos escravos e às crianças como categoria ‘sub-humana’. As mulheres eram dispensadas da grande oração judaica do ‘Shema Israel’ (Ouve Israel), separada dos homens nas sinagogas (ainda hoje o famoso ‘Muro das Lamentações’ divide as mulheres dos homens com uma cerca e não podem participar nas cerimónias do **Bar-Mitzvah**, que traduzido à letra significa, filho do comando, dos próprios filhos rapazes aos treze anos).

A tarefa da mulher era cuidar dos filhos, cuidar da casa, cozinhar para os homens, que só podia servir, sem comer na mesma mesa.

Vivendo nesta condição, Maria de Nazaré aproximava-se à etapa obrigatória para uma rapariga judaica: o casamento. “Novo estado que não a liberta da situação desumana na qual vive – continua a escrever o padre Maggi – aliás, torna-a ainda mais submetida, de serva do pai e dos irmãos para a ser serva do marido e dos filhos”.

O que acontece está descrito no Evangelho de

Lucas: Maria não é apresentada como irrepreensível observadora de todas as leis e regras do Senhor (Lc 1, 6), contrariamente ao que é dito por Zacarias, sacerdote do templo, escrupuloso e leal para com os mandamentos, mas também para todas as mínimas prescrições da Lei.

O evangelista conta que o Arcanjo Gabriel se apresenta a Zacarias no lugar mais santo de toda Jerusalém, o Templo, na parte mais sagrada deste, o 'Santo dos Santos', durante 'a oferta do incenso' o momento mais sagrado não só do dia de um sacerdote, mas também da sua própria vida. (O número dos sacerdotes era de tal maneira elevado que se tornava impossível oficializar todos ao mesmo tempo, portanto observava-se uma exata rotação e era raro que um deles entrasse no Santo dos Santos mais do que uma vez na vida. Consoante o Talmud os sacerdotes de serviço nos tempos de Zacarias eram 85.000).

Mesmo assim o desafortunado Zacarias não acreditou na escolha de Deus, que o queria finalmente pai e torna-o mudo. Mas Maria sim.

Deixemos espaço às páginas de Alberto Maggi que, com um entusiasmo digno de um diretor envolvidos no momento da anunciação:

"Maria é capaz de vibrar em sintonia com a Palavra que continuamente cria e renova o universo. Torna-se assim colaboradora de Deus para comunicar vida à humanidade (...) YHWH não pode ser visto, ninguém pode vê-lo e ficar vivo (Ex 33, 19-20). YHWH nem pode ser nomeado (Ex 20, 7). O Nome nem pode ser escrito. É o Transcendente. O Altíssimo. O Inconhecível. Tudo isto Maria sabe-o. Ouviu-o repetir muitas vezes na sinagoga. E muitas outras vezes ouviu definir crenças demoníacas àquelas religiões dos países de fronteira com Israel onde os deuses criam filhos e filhas com as mulheres e mesmo assim Maria aceita. Será a mãe do Filho de YHWH. A desconhecida rapariga nascida em Nazaré que 'ninguém, nem os vizinhos conheciam', será proclamada abençoada por todas as gerações (Lc 1,48).

A mulher que não pode ousar aproximar-se ao Santuário 'conterá' o Deus que aquele mesmo Santuá-

rio pretendia guardar dentro das suas paredes. A mulher que nem podia ousar tocar a Bíblia, acolherá dentro de si a Palavra feita carne. A mulher que nem podia falar com o sacerdote ou tocá-lo, será mãe do Santo dos Santos. O Deus que nunca falou a uma mulher, chamá-La-á *immà* (mãe).

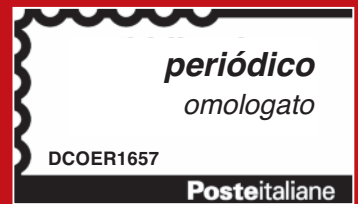
(...) A virgem de Nazaré, em profunda sintonia com Deus que 'faz novas todas as coisas' (Ap 21, 5) responde à chamada da vida que quer florescer e que, para nascer, exige que 'não paremos nas coisas passadas, deixe-se de pensar às realidades antigas...' caso contrário não damos conta da 'nova que mesmo agora quer brotar...' (Is 43, 18-19).

Maria abandona o velho, o cego, a tradição dos pais, para abrir-se ao novo, ao desconhecido. Despe-se da camisa-de-forças ortodoxa, para poder ser plenamente livre de acolher a proposta do Arcanjo Gabriel.

Portanto Maria é herética para a religião oficial. Herético e blasfemo será considerado o seu filho e por isso condenado e morto (Mt 26, 65; Jo 8, 48; 10, 33). Não terão melhor sorte os continuadores da obra de Jesus: 'entregar-vos-ão ao Sinédrio, serão perseguidos nas Sinagogas, serão odiados por todos devido ao meu nome' (Mc 13,9-13). 'Senhora dos heréticos' Maria tornar-se-á irmã dos que em qualquer época sentirão a presença da história do único Deus gerado e o acolherão (Jo 1, 12-18)."

* Ex-Aluna Fed. Lombarda Imaculada





**Periódico da Confederação Mundial
Ex-alunas/os das FMA**

Poste Italiane S.p.A. Spedizione in Abb. Postale D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1, comma 1, Aut. C/RM/48/2006

**Espírito de Deus, Espírito de verdade e de luz,
fica constantemente na minha alma
com a tua graça divina.**

**Que o teu sopro dissolva as trevas
e que na tua luz as boas ações se multipliquem.**

**Ó espírito de Deus, Espírito de amor e de misericórdia,
que versas no meu coração o bálsamo da confiança,
a tua graça confirme o bem na minha alma,
dando-lhe uma força invencível: a constância!**

**Ó Espírito de Deus, Espírito de paz e de alegria, que con-
fortas o meu coração com sede,
versa nele a nascente viva do amor divino.**

**Ó Espírito de Deus, o hóspede mais amável da minha alma,
desejo, por mim, ser-te fiel.**

Santa Faustina Kowalska